

Introdução

O presente volume reúne algumas das comunicações apresentadas ao congresso que, em Outubro de 2003, materializou parte importante do desígnio de um projecto de investigação intitulado *Olhares e Escritas*. Na sua forma mais simples, esse desígnio pode ser descrito como respeitando ao encontro de palavra e imagem, do visual e do verbal, em objectos produzidos com recurso a uma gama variada de meios e códigos. Se descrevermos o âmbito desse encontro como sendo a produção artística, ou (ainda mais especificamente) as intersecções da literatura e das artes visuais, estaremos a recorrer a formulações mais restritivas – mas que, ainda assim, se adequarão à maior parte dos contributos aqui reunidos e à ênfase dominante deste volume.

Acima de tudo, o projecto, o congresso e a presente publicação têm como seu objecto artefactos cujas componentes visuais e/ou verbais se definem por uma *relação*; e as três iniciativas emergem num contexto cultural e comunicacional em que os nexos *relacionais* têm gozado de um favor muito especial. Com efeito, diferentes discursos – nas humanidades como nas ciências sociais, na crítica de arte como na teoria e crítica literárias – contribuíram para que nas últimas décadas o liminar, o híbrido e o relacional emergissem como conceitos-chave, capazes de inflectir o paradigma cultural e epistemológico dominante. Tais discursos colocam em primeiro plano a premência intelectual de configurar todos os processos de significação e percepção de um modo que contrarie a lógica do sistema fechado, e que repetidamente se apoie num léxico marcado pelos prefixos *inter-* e *trans-*. A questionação de todas as práticas e constructos que assentem num pressuposto de auto-contenção informou

esforços diversos de elaboração teórica, notória mas não exclusivamente nos campos discursivos plurais do pós-estruturalismo e das teses sobre a pós-modernidade. Marcou, assim, de forma profunda e extensiva o ambiente intelectual que constitui simultaneamente a origem e o âmbito de incidência dominante dos estudos aqui reunidos.

Em afinidade com tais desenvolvimentos, uma ênfase igualmente ampla e trans-disciplinar no espaço e na sua base relacional e dinâmica veio a revelar crescente força de atracção e produtividade teórico-crítica. A sua influência deixa-se aferir pela amplitude das referências que a capacitam e pela diversidade dos respectivos enquadramentos ideológicos e origens histórico-intelectuais. Tais referências incluem Heidegger, inelutavelmente, sobre as radicações da realidade existencial, tal como as propõe nos seus escritos sobre construção, lar, habitação; mas também o pronunciamento (hoje lido em termos que o aproximam do profético) de Foucault sobre o advento de uma “época do espaço”, da “simultaneidade” e da “justaposição”, que se sucederia à obsessão oitocentista com a história; ou ainda, para destacar apenas uma referência mais de entre as de maior influência, a “cartografia cognitiva” de Fredric Jameson, como modelo potenciador de um sentido de lugar no sistema global do capitalismo tardio – um modelo que confere um particular aval à noção da prevalência das categorias espaciais enquanto característica da pós-modernidade (Heidegger 2001; Foucault 1986: 22; Jameson 1991: 16 e *passim*). A convergência de contributos como estes (e apesar da sua disparidade) vem resgatando a “imaginação espacial” (cf Smyth 2001: 1) de associações com uma lógica de estase que, pela sua possível contraposição a nexos de leitura e análise determinados pela perspectiva temporal, não raro foi denunciada como “reaccionária” (cf Massey 1004: 2), permitindo que em vez disso se sublinhe agora a sua base relacional e dinâmica.

Estas ênfases poderão à partida parecer alheias ao nosso tema, mas de facto são tudo menos indiferentes à presente iniciativa, definida pelo propósito de colocar em primeiro plano os múltiplos cruzamentos que põem em causa a dualidade “arte do espaço” / “arte do tempo” – se quisermos recuperar um dos *topoi* argumentativos mais influentes em toda a história do discurso sobre palavra e imagem, tal como foi proposto na segunda metade do séc.XVIII por Lessing no *Laocoonte* (1766). O alcance e os atractivos da actual *especialização* do discurso crítico têm tido consequências para a consideração das artes verbais, tantas vezes encaradas (na esteira do referido *topos*) como inscritas no “tempo” que

não no “espaço” – já que este último seria o domínio próprio das artes visuais. Vários dos artigos ora coligidos destacam justamente a dimensão icônica dos textos, como também instâncias de textualização da imagem, questionando a justeza dessa distinção categorial. No quadro dos artefactos verbais e visuais aqui considerados não deixam de avultar os exemplos da combinação de inscrições, legendas, assinaturas ou grafismos de diferentes tipos com os usos da forma e da cor que mais prontamente associamos ao pictórico. E também não estará ausente desse quadro a consciência de como na actual cultura museológica o discurso crítico sobre o visual partilha o *espaço* do museu (no sentido arquitectónico, como também institucional) com as obras de arte a que se refere – seja sob a forma mais extensa do catálogo, seja com a concisão de títulos, legendas e outra informação conservatória; mas a mesma cultura do museu baseia-se na expectativa de que o seu espaço será conhecido *temporalmente*, nas sequências organizadas que o seu aparato induz e justifica. Em geral, as implicações comportadas pelo novo nexos espacial encontrarão ecos diversos ao longo do livro – da sua justificação mais ampla à comprovação concreta trazida pelos processos e propósitos intermediais que caracterizam os diferentes objectos de estudo dos artigos que se seguem.

Recorde-se, contudo, que a ora evocada formulação de Lessing foi apenas uma das conformações de tipo dualista em que a palavra e a imagem tenderam historicamente a apresentar-se, quer a sua relação se configurasse como *agon* ou como afinidade e similitude. Entre os momentos fundamentais dessa história argumentativa baseada num nexos binário inclui-se o *dictum* horaciano *ut pictura poesis* – um passo da *Arte Poética* glosado até à exaustão e que, tomado literalmente, geraria a analogia das “artes irmãs”, que de tanta fortuna gozaria na cultura europeia; mas conta-se igualmente a noção de conflito que na cultura do Renascimento teve formulação memorável no *Paragone delle Arti* (c 1510) de Leonardo; e, enfim, a não menos influente denúncia no *Laocoonte* da analogia de origem horaciana, uma denúncia informada pelo desejo de rigor que cunhará a referida oposição do verbal e do visual. Mesmo a crítica que esta oposição veio a encontrar, tantas vezes predicada no propósito de salientar a colaboração e a coexistência (que não o conflito), raramente se evade à tentação de caracterizar a palavra e a imagem de um modo que lhes mantém a relação dual, reforçando o sentido da divisão. É especialmente reveladora a análise histórica que Murray Krieger ofereceu da noção de *ekphrasis* como fundada numa tensão não resolvida:

The ekphrastic aspiration in the poet and the reader must come to terms with two opposed impulses, two opposed feelings, about language: one is exhilarated by the notion of ekphrasis and one is exasperated by it. Ekphrasis arises out of the first, which craves the spatial fix, while the second yearns for the freedom of the temporal flow
(Krieger 1992: 10)

A isto se poderia somar o diagnóstico que permite a W.J.T.Mitchell reclamar para a tensão entre palavra e imagem um lugar central (e uma influência que em muito ultrapassará a de qualquer discurso sectorial e especializado) no quadro mais amplo da história da cultura: “the history of culture is in part the story of a protracted struggle for dominance between pictorial and linguistic signs” (Mitchell 1986: 43).

A grande influência de modelos duais e tendencialmente agonísticos é contrariada, porém (e como começámos por sugerir), pelo favor de que presentemente gozam nexos relacionais, teoreticamente refractários a oposições binárias e propícios a leituras da intermedialidade informadas por noções como contaminação e hibridismo. A *praxis* crítica informada por tais nexos não dispensará a sustentação que lhe oferece a perspectiva histórica e o conseqüente valor confirmativo que adquirem tantas instâncias memoráveis da permutabilidade de recursos visuais e verbais, com toda a sua longevidade na arte e literatura europeias (ocorre-nos prontamente a fortuna da poesia visual, numa variedade de períodos e poéticas). É sustentável que, na sua atitude dominante face ao nexo verbal/visual, a maior parte dos estudos que este volume reúne estará porventura mais próxima da preferência que Liliane Louvel manifesta por noções de “coexistência”, “simultaneidade” e “continuidade” do que da assunção de um sentido de “alternativa” ou disjunção (Louvel 2002: 223).

Como algumas das observações nos parágrafos anteriores poderão ter já sugerido, o modo como se configura a relação entre o verbal e o visual entrecruza-se em vários pontos com uma preocupação fundadora e persistente do discurso crítico ocidental que em décadas recentes assumiu novas ênfases: o problema da representação. Com efeito, os vários níveis da representação com que a intermedialidade nos confronta (e cuja complexidade varia na medida da relação com o real proporcionada por cada um dos meios em causa, como também pelas opções de cada praticante) tornam-na um espaço privilegiado para a manifestação de perplexidades características do actual contexto histórico-intelectual. A consideração crítica da intermedialidade conferiu especial destaque ao cepticismo prevaemente sobre a possibilidade de a apropriação artística do real se configurar, seja em que meio for, de forma “transparente” e

não mediada por uma consciência que a invista de significado. As condições para a manifestação de tal cepticismo revelam-se particularmente favoráveis quando o objecto de representação é outra representação (num meio diferente), proporcionando a quem a lê e/ou contempla a percepção cumulativa das mediações, refrações e opacidades (para persistir nas metáforas ópticas) que intervêm nos vários planos da sequência representacional. Esta percepção permanece válida mesmo quando o aparente imediatismo da visão sugere que a imagem poderia ser tão invejavelmente *verdadeira* quanto parece ser estável e fixa. É assim, com efeito, que o referido cepticismo pode gozar de tão grande proeminência intelectual numa era obviamente dominada pelo conhecimento visual. É para esta complexidade, não isenta de contornos paradoxais, que Mitchell alerta num passo em que reflecte sobre as implicações do que famosamente teorizou como a “viragem pictórica” na cultura contemporânea:

pictures form a point of peculiar friction and discomfort across a broad range of intellectual inquiry (...) the pictorial turn (...) is not a return to naive mimesis, copy or correspondence theories of representation, or a renewed metaphysics of pictorial “presence”: it is rather a postlinguistic, postsemiotic rediscovery of the picture as a complex interplay between visibility, apparatus, institutions, discourse, bodies, and figurality. It is the realization that *spectatorship* (the look, the gaze, the glance, the practices of observation, surveillance, and visual pleasure) may be as deep a problem as various forms of *reading*

(Mitchell 1994: 13, 16)

Argumentando assim a favor da necessidade de extrapolar uma noção de “leitura” do campo do verbal para enfrentar adequadamente as complexidades que actualmente envolvem a construção do visual, Mitchell vem equilibrar e ironizar a expectativa contrária – a de que o encontro intermedial permitiria genericamente à palavra apropriar-se e aproveitar da aparente simplicidade da significação proporcionada pela imagem visual.

Sem terem a presunção de constituir um mapa dos estudos de palavra e imagem na actualidade, as secções em que este livro se organiza põem em destaque alguma da diversidade que presentemente caracteriza esta área de produção crítica. Trata-se de uma diversidade quer de sustentação teórica, quer de opção metodológica, quer de objecto de estudo – como prontamente se perceberá pelos próprios títulos das diferentes secções.

Mas é intenção deste volume, no mesmo gesto em que se deixa informar por propósitos e objectos de estudo distintos, não elidir as marcas dos seus pontos de partida institucionais e culturais. O contexto cultural específico que enquadrou o projecto, o congresso e a preparação deste livro assinala-se no destaque dado a “Algumas escritas e olhares portugueses”; e a sua origem académica faz-se equilibrar pelo espaço das fruições no título da secção “O Lúdico e o Formativo”. Por outro lado, o trânsito entre o espaço académico e o da circulação cultural mais ampla – entre o livro e o museu, a biblioteca e a cidade – faz-se notar com a menção expressa, nos títulos de outras secções, ao “texto” e à “moldura”, como também à “cidade”; enquanto a ênfase cívica e pública que esta última referência comporta se equilibra com a atenção a uma escrita da “Identidade, voz e visão”. Por fim, este livro abre-se a “Outros discursos, outros espaços”: saberes e discursos distintos, outros *media* artísticos, outros espaços geográficos e culturais – na esperança de que a esta amplitude do estudo e da leitura corresponda uma amplitude de fruição.

Rui Carvalho Homem

FLUP

Maria de Fátima Lambert

ESE-IPP

Referências

FOUCAULT, Michel (1986). “Of Other Spaces”. *Diacritics* 16 (Spring): 22-7.

HEIDEGGER, Martin (2001). “Building Dwelling Thinking” (1954), *Poetry, Language, Thought*, trans. by Albert Hofstadter. New York, NY: Perennial Classics. 141-59

JAMESON, Fredric (1991). *Postmodernism, or, the Cultural Logic of Late Capitalism*. London: Verso.

KRIEGER, Murray (1992). *Ekphrasis: The Illusion of the Natural Sign*. Baltimore and London: The Johns Hopkins U.P.

LOUVEL, Liliane (2002). *Texte/Image: Images à Lire, Textes à Voir*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

MASSEY, Doreen (1994). *Space, Place and Gender*. Minneapolis: Univ. of Minnesota Press.

MITCHELL, W.J.T. (1986). *Iconology: Image, Text, Ideology*. Chicago and London: The Univ of Chicago Press.

MITCHELL, W.J.T. (1994). *Picture Theory*. Chicago and London: The Univ of Chicago Press.

SMYTH, Gerry (2001). *Space and the Irish Cultural Imagination*. Houndmills: Palgrave.

